



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LETÍCIA FREITAS DE ANDRADE

**INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE REPERTÓRIO BÁSICO EM UM CÃO PARA
TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS**

Dourados

2025



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LETÍCIA FREITAS DE ANDRADE

**INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE REPERTÓRIO BÁSICO EM UM CÃO PARA
TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da UFGD como requisito parcial para
obtenção de título de mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Maciel dos Santos Souza.

Dourados

2025

A554i Andrade, Letícia Freitas De
INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE REPERTÓRIO BÁSICO EM UM CÃO PARA
TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS [recurso eletrônico] / Letícia Freitas De Andrade. -- 2025.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Maciel dos Santos Souza.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Análise Experimental do Comportamento. 2. Aplicada. 3. Terapia assistida por animais. 4.
Transtorno do Espectro Autista. I. Souza, Prof. Dr. Felipe Maciel Dos Santos. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR LETÍCIA FREITAS DE ANDRADE, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "PSICOLOGIA".

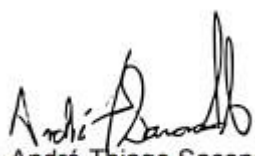
Aos vinte e dois dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, às oito horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada **“INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE REPERTÓRIO BÁSICO EM UM CÃO PARA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS”**, apresentada pela mestranda Letícia Freitas de Andrade, do Programa de Pós-graduação em Psicologia, à Banca

Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Felipe Maciel dos Santos Souza/UFGD (presidente/orientador), Prof.^a Dr.^a Eliana Cristina da Silva Arambell (membro titular interno), Prof. Dr. André Thiago Saconatto/PUCSP (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada **APROVADA**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 22 de agosto de 2025

Prof. Dr. Felipe Maciel dos
Santos Souza
Presidente/orientador

Prof.^a Dr.^a Eliana Cristina
da Silva Arambell
Membro titular interno


Dr. André Thiago Saconatto
Membro Titular Externo

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

•

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Andrade, L. T. (2025). *Instalação e manutenção de repertório básico em um cão para terapia assistida por animais*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados.

Orientador: Felipe Maciel dos Santos Souza

Linha de Pesquisa: Processos Comportamentais e Cognitivos

RESUMO

Este estudo investigou a aplicação da análise experimental do comportamento no treinamento de um cão da raça Bernese para atuar como cão de terapia voltado ao público com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram ensinados comportamentos-chave (senta, deita, fica, vem, foco e manipulação de dado) utilizando reforço positivo em um delineamento experimental. O cão apresentou taxas de sucesso acima de 80% em todos os comportamentos, com destaque para o comando "fica", que alcançou 5 minutos e 55 segundos em ambiente controlado e 4 minutos e 52 segundos em ambiente não controlado, demonstrando generalização. A manipulação do dado foi bem-sucedida, com taxas de 80-90%, indicando potencial para atividades terapêuticas complexas. Os resultados reforçam a eficácia da análise experimental do comportamento no treinamento de cães para atuar como cão de terapia, destacando a importância de práticas éticas que priorizem o bem-estar animal. A pesquisa contribui para a profissionalização da TAA, com implicações para a psicologia, etologia e intervenções interdisciplinares voltadas ao TEA.

Palavras-chave: Análise Experimental do Comportamento. Aplicada. Terapia assistida por animais. Transtorno do Espectro Autista.

Andrade, L. T. (2025). *Installation and maintenance of a basic repertoire in a dog for animal-assisted therapy*. Master's dissertation. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados.

Advisor: Felipe Maciel dos Santos Souza

Research line: Behavioral and Cognitive Processes

ABSTRACT

This study investigated the application of experimental behavior analysis in training a Bernese dog to serve as a therapy dog for individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD). Key behaviors (sit, lie down, stay, come, focus, and dice manipulation) were taught using positive reinforcement within an experimental design. The dog achieved success rates above 80% for all behaviors, with the "stay" command reaching 5 minutes and 55 seconds in a controlled environment and 4 minutes and 52 seconds in an uncontrolled environment, demonstrating generalization. Dice manipulation was successful, with 80-90% success rates, indicating potential for complex therapeutic activities. The findings reinforce the effectiveness of experimental behavior analysis in training therapy dogs, emphasizing the importance of ethical practices that prioritize animal welfare. The research contributes to the professionalization of Animal-Assisted Therapy (AAT), with implications for psychology, ethology, and interdisciplinary interventions for ASD.

Keywords: Experimental Behavior Analysis. Applied. Animal-Assisted Therapy. Autism Spectrum Disorder.

INTRODUÇÃO

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por prejuízos persistentes na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas, presentes desde a infância, impactam significativamente o funcionamento diário (Critérios C e D). A gravidade dos sintomas pode variar conforme a idade, nível de desenvolvimento e o ambiente, o que explica o termo "espectro" do transtorno. A dificuldade de reciprocidade socioemocional é clara desde a infância, com problemas em iniciar ou manter interações sociais, falta de empatia e imitação social. Os indivíduos com TEA também apresentam dificuldades em desenvolver e manter relacionamentos, com interesses sociais reduzidos ou atípicos. Em crianças, isso se reflete na falta de brincadeiras simbólicas ou no desejo de seguir regras rígidas (American Psychiatric Association, 2014).

Além disso, o TEA é caracterizado por padrões restritos e repetitivos de comportamentos e interesses (Critério B), como estereotípias motoras, uso repetitivo de objetos ou fala, resistência a mudanças e fixação em interesses incomuns e intensos. Alguns indivíduos também podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, como sons e texturas. Embora muitos adultos com TEA aprendam a suprimir comportamentos repetitivos em contextos sociais, interesses especiais podem ser fontes de prazer e motivação, auxiliando no desenvolvimento profissional e educacional (American Psychiatric Association, 2014).

Indivíduos com transtorno do espectro autista (TEA) frequentemente apresentam comprometimento intelectual e/ou na linguagem, como atrasos na fala ou dificuldades na compreensão da linguagem em relação à sua produção. Déficits motores são comuns, incluindo marcha atípica, falta de coordenação e movimentos anormais, como caminhar na ponta dos pés. Comportamentos autolesivos, como bater a cabeça ou morder os punhos, e comportamentos disruptivos ou desafiadores são mais prevalentes em crianças e adolescentes com TEA, em comparação com outras condições, incluindo a deficiência intelectual (Angelis & Teixeira, 2022).

Existem três níveis de gravidade, com base nas dificuldades na comunicação social e nos comportamentos restritos e repetitivos. No nível 3 (Exigindo apoio muito substancial), a comunicação social envolve déficits graves, com grande dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais. A comunicação é extremamente limitada, com fala reduzida e abordagens incomuns. Os comportamentos restritos e repetitivos possuem inflexibilidade severa, dificuldade extrema para lidar com mudanças e comportamento repetitivo que afeta significativamente todas as áreas da vida. Tendo bastante dificuldade para mudar o foco ou as ações. No nível 2 (Exigindo apoio substancial), a comunicação social possui déficits graves, mas com algum apoio a pessoa ainda consegue interagir, embora de maneira limitada, com frases simples. Comportamentos restritos e repetitivos: Comportamentos inflexíveis e repetitivos são frequentes e evidentes ao observador casual, prejudicando o funcionamento em diversos contextos. Por fim, no nível 1, existe também déficits significativos, mas a pessoa consegue falar frases completas e interagir. Esses níveis ajudam a descrever a intensidade do apoio necessário para cada indivíduo com TEA, variando de suporte substancial a apoio mais leve (American Psychiatric Association, 2014).

Terapia Assistida por Animal (TAA)

Os Serviços Assistidos por Animais (SAA) correspondem à uma área que vem se desenvolvendo mundialmente, porém crescendo de forma desorganizada e pouco estruturada gerando uma má qualidade na prestação de serviço, pesquisas científicas vêm impactando os resultados e o bem-estar dos envolvidos. A maioria dos grupos que atua nos SAA, segue um padrão assistencialista, normalmente estruturado por grupos voluntários com pouca dedicação à profissionalização. Mediante essa realidade levou à criação de padrões e normas pelas maiores instituições internacionais, visando a melhora do desempenho e a profissionalização da área. Uniram-se em uma força tarefa para facilitar as discussões, entre elas o compartilhamento de terminologias adequadas e a criação de documentos contendo os padrões e normas (Binder et al., 2024).

As instituições de destaque são a International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO), tendo o White paper lançado em 2014 e atualizado em 2018 incluindo abordagens como One Health (Saúde-única) e One Welfare (Bem-estar único) em SAA. Em 2019 a Animal Assisted Intervention International (AAII) publica seu Guideline com foco na atuação com cães nos SAA e em 2022 lança sua atualização. Em fevereiro de 2024 é lançado o paper Recommendations for uniform terminology in animal-assisted services (AAS), com as recomendações para uniformização da nova terminologia da área, agora Serviço Assistidos por Animais (Jegatheesan et al., 2018).

Termo guarda-chuva para as práticas nas quais animais são incluídos em diferentes papéis em benefício humano. Os Serviços Assistidos por Animais (SAA) são definidos como práticas, programas e serviços humanos mediados, guiados ou liderados por um provedor e que incorporam animais especialmente qualificados em processos terapêuticos, educacionais, de apoio ou melhoria, voltados ao aumento do bem-estar de seres humanos garantindo ao mesmo

tempo o bem-estar dos animais envolvidos em tais práticas (Animal-Assisted Intervention International, 2020).

Para Binder et al. (2024), esse termo serviço assistido por animais (SAA) vem para substituir o termo intervenção assistida por animais (IAA) como um termo geral para o espectro completo de práticas nas quais os animais são incluídos em vários papéis para o benefício dos humanos. Serviços assistido por animais são definidos como as práticas, programas e serviços humanos mediados, guiados ou liderados por facilitadores que incorporam animais especialmente qualificados em processos terapêuticos, educacionais, de suporte e melhoria, visando melhorar o bem-estar dos humanos, ao mesmo tempo em que garantem o bem-estar dos animais envolvidos nessas práticas. Existem três categorias de SAA: terapia assistida por animais (TAA), educação assistida por animais (EAA) e programas de suporte assistido por animais (PSAA).

Em serviços assistido por animais, o vínculo humano-animal definido como um relacionamento mutuamente benéfico e dinâmico entre pessoas e animais que é influenciado por comportamentos considerados essenciais para a saúde e bem-estar de ambos, pode ou não se desenvolver, dependendo do processo especializado que está sendo facilitado e da experiência subjetiva do profissional, do receptor e do animal (AVMA, 1998). Os serviços assistidos por animais devem ser desenvolvidos intencionalmente para potencializar mudanças significativas nos assistidos através do vínculo humano-animal. Deve-se incluir de maneira central a ênfase na importância de práticas adequadas de bem-estar animal em todas as categorias (Chandler, 2017).

Binder et al., 2024, tratamento assistido por animais, também chamada de Terapia Assistida por Animais (TAA) se refere a uma classe de modalidade profissional de saúde mental ou física para as quais a integração de animais, direta ou indiretamente, é um componente de intervenção do profissional. O termo *tratamento* é mais inclusivo para profissões que

empregam uma variedade de tratamentos por profissionais de saúde física e mental que não são necessariamente terapia, mas são parte do escopo de sua profissão. Cada profissional subscreve as metas e técnicas definidas e aceitas na profissão e disciplina específicas, bem como o tipo e nível de treinamento profissional/acadêmico e competências que são necessárias para licenciamento e/ou credenciamento para a profissão específica no país em que o serviço ocorre.

É importante ressaltar que, embora o tratamento assistido por animais possa ser interpretado como um complemento a outra abordagem de tratamento (por exemplo, um terapeuta pode usar uma terapia baseada em evidências, como terapia cognitivo-comportamental, ao interagir com o animal, referindo-se amplamente a essa prática como TAA). Os profissionais devem praticar a terapia assistida por animais dentro do escopo de sua profissão (por exemplo, terapia ocupacional, aconselhamento, psicoterapia conduzida dentro do escopo da psicologia clínica, etc.) com a população-alvo dessa profissão, de acordo com os padrões, competências e ética da prática profissional em conformidade com os do país em que é praticado (Animal-Assisted Intervention International, 2020).

Um profissional que utiliza TAA deve ser competente e ético, treinado e supervisionado primeiro em sua profissão licenciada/credenciada (psicólogo, médico, enfermeiro, etc) e depois na área especializada de tratamento que está sendo fornecida (por exemplo, psicoterapia assistida por animais, terapia ocupacional assistida por animais, terapia da fala assistida por animais). A educação e o treinamento adicionais incluiriam o estudo do vínculo humano-animal, estudos com animais, bem-estar animal e considerações éticas, bem como a teoria e metodologia. A maioria dos códigos de ética profissional declara que o ônus é do profissional para tomar as medidas necessárias para encontrar educação e treinamento antes de incluir a modalidade de especialidade em sua prática (Jegatheesan et al., 2018).

Binder et al., (2024) a prática do tratamento assistido por animais pode ocorrer em um ambiente tradicional (como uma clínica, salas de prática privada, hospital, etc.) ou em um

ambiente não tradicional, como um zoológico, estábulo privado, centro de reabilitação animal, prisão, etc. Sendo assim, cada tratamento assistido por animais adere aos objetivos e técnicas definidas e aceitas pela profissão de origem e o profissional deve atuar dentro do escopo da sua profissão. Os profissionais que atuam com TAA devem identificar seu trabalho das seguintes maneiras: Psicologia Assistida por Animais, Fisioterapia assistida por animais, Fonoaudiologia assistida por animais, etc).

Transtorno do Espectro Autista e Terapia Assistida por Animais

Os desafios enfrentados por pessoas com TEA são ainda mais complexos quando se considera a heterogeneidade do transtorno. Cada indivíduo com TEA apresenta um conjunto único de dificuldades e habilidades, o que torna o tratamento uma tarefa desafiadora e que exige abordagens personalizadas. Embora as intervenções comportamentais, como a Análise Comportamental Aplicada (ABA), e terapias de integração sensorial sejam comuns, muitas vezes os progressos no desenvolvimento emocional e social podem ser lentos. É nesse contexto que o tratamento assistido por animais, especialmente com cães, tem se mostrado uma alternativa promissora e eficaz, ajudando a ampliar as possibilidades de intervenção psicoterapêutica (Barcelos et al., 2020).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) envolve a interação com animais treinados, como cães, para alcançar objetivos específicos de saúde e bem-estar. Na psicologia, TAA com cães é aplicada como uma estratégia complementar que pode contribuir significativamente para intervenções para diferentes condições, como o TEA. A presença do cão facilita a interação social, a redução de comportamentos indesejados, o aumento da confiança e a promoção de habilidades emocionais e sociais. O cão pode oferecer uma experiência segura e previsível para a pessoa com autismo, incentivando a interação e a comunicação de maneiras novas e

acessíveis. A presença do animal também ajuda a criar um vínculo afetivo importante, algo que muitas vezes é desafiador para pessoas com TEA. O cão atua como um mediador entre o indivíduo e o terapeuta, estimulando a pessoa a se engajar mais facilmente nas atividades propostas e a se abrir para novas experiências (Mandrá et al., 2029).

A interação com cães pode promover a aprendizagem de habilidades sociais essenciais para a vida cotidiana. A comunicação com um cão é uma forma de comunicação não verbal, o que é particularmente benéfico para pessoas com TEA, que frequentemente têm dificuldades em compreender e usar a comunicação verbal e não verbal com os outros. O cão treinado tende a reagir de maneira previsível às interações, o que facilita o aprendizado de habilidades sociais, como o toque físico e a troca de olhares. Além disso, a interação pode ajudar o indivíduo com TEA a compreender as necessidades de suas próprias emoções e de outro ser vivo, algo frequentemente desafiador (Araujo et al., 2023).

A terapia assistida por animais, especialmente para pessoas com TEA tendem a experienciar menores níveis de ansiedade e estresse. O simples contato físico com o cão como acariciar, abraçar e realizar atividades juntos, pode ajudar a reduzir a tensão para executar atividades planejadas para o profissional que visa a melhora do paciente. A interação com o cão pode ajudar a melhorar a regulação emocional, promovendo uma sensação de conforto e segurança. Em um ambiente terapêutico, isso pode resultar em uma redução dos comportamentos disruptivos, além de proporcionar um aumento na disposição para participar de outras formas de terapia, como a terapia ocupacional e a fonoaudiologia (Farias et al., 2023).

O cão pode ter a função de modelo, apoio e motivador, e sua interação com os indivíduos com TEA pode promover uma sensação de competência e autossuficiência. O cuidado do animal, como dar comandos ou cuidar de sua alimentação e higiene, pode fortalecer a autoestima e a confiança, já que essas tarefas exigem responsabilidade e atenção. A relação com o cão também pode promover uma sensação de aceitação incondicional, ajudando o indivíduo

a se sentir mais seguro em seu próprio corpo e em suas habilidades. A TAA com cães também pode ser eficaz no desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas. As atividades realizadas, como caminhar ou realizar outros tipos de comandos simples, estimulam a coordenação motora, o equilíbrio e a organização espacial. Além disso, a interação com o cão requer atenção, foco e decisões rápidas, o que pode ajudar a melhorar a concentração e a organização cognitiva (Acedes et al., 2022).

Na prática psicológica existem possibilidades de trabalhar com TAA, como em sessões individuais onde o cão ajuda a promovendo a interação social e emocional entre o terapeuta e o paciente. Em terapia em grupo, onde um grupo de crianças com TEA interagem como cão e assim promovendo habilidades de socialização, como cooperação, turnos (saber esperar a vez) e compartilhamento. No entanto, a eficácia da TAA depende em grande parte da seleção e treinamento adequados dos cães de terapia (Jegatheesan et al., 2018).

Relevância da pesquisa

Estudos mostram o potencial da TAA com cães para o desenvolvimento de capacidades na comunicação verbal, contato visual, seguir instruções, interação social, habilidades cognitivas, emocionais e físicas na vida dos autistas. São novas maneiras que integram e complementam o tratamento multidisciplinar, onde a busca é melhorar a qualidade de vida dos assistidos. Está associada ao aumento considerável da interação social e contato afetivo com os autistas, sendo necessário mais estudos relacionados com esse tema (O'haire, 2017). Para isso, passa ser necessário o treinamento adequado dos cães que tem potencial para atuar como cão de terapia. Envolvendo questões éticas e de segurança para compreensão do treinamento desses cães de terapia para o público TEA, bem como explorar como a análise experimental do

comportamento pode melhorar a formação desses cães, considerando um sujeito único no experimento.

O estudo do treinamento de cães de terapia pode levar ao desenvolvimento de protocolos mais eficazes, que maximizam os benefícios terapêuticos e minimizam o estresse para os cães e todos os envolvidos nessas intervenções. Este tipo de pesquisa estimula outras pesquisas interdisciplinar, como conhecimentos da psicologia, comportamento animal, análise do comportamento, neurociência, etc. Poderá proporcionar conscientização e educação pública, como aumentar a conscientização sobre o uso ético de cães em terapias e educar profissionais de saúde, educadores e a comunidade em geral sobre a responsabilidade de se trabalhar com um cão de terapia.

Para tanto, esse estudo é conduzido por cuidados éticos rigorosos, garantindo o bem-estar do cão participante em todos os momentos. Bem como, supervisão veterinária, para garantir sua saúde e bem-estar físico. Respeito às necessidades individuais do cão, como descanso, alimentação adequada e socialização. Consentimento do cão, garantir que o cão seja envolvido no treinamento de forma voluntária e que o treinamento seja adaptado às suas necessidades e capacidades individuais. Por fim, monitoramento do nível de estresse e bem-estar emocional do cão durante o treinamento, ajustando as práticas conforme necessário.

O debate sobre a relação humano e cão tem ganhado relevância em razão dos cães serem cooperadores e facilitadores no tratamento de indivíduos com diferentes tipos de diagnóstico, sendo um deles o Transtorno do Espectro Autista (Duarte, 2017). Dessa forma, observa-se um problema desafiador que é a dificuldade dos autistas de aderir a várias formas de tratamento, como a psicoterapia por exemplo. Diante disso, o TAA com cães e autistas, emergem como uma oportunidade a ser investigada na Psicologia.

A terapia assistida por animais (TAA) possui potencial de crescimento, sendo intervenções interessantes, criativas e não invasivas se souber conduzir. Todos os sentidos estão

envolvidos dentro da experiência de uma intervenção com um cão de terapia. O comportamento sem julgamento e sem ambiguidade do animal transmite segurança e apoio. Os mecanismos de funcionamento das interações humano-animal são explicados por teorias baseadas em mecanismos relacionais, como a biofilia, suporte social e apego (Slegers, 2021).

Busca-se melhorar a qualidade de vida dos assistidos em suas dimensões física, cognitiva, emocional e social. O cão de terapia tem função de ser facilitador entre a pessoa que realiza a atividade proposta (o assistido) e o profissional de Psicologia. O cão pode ser facilitador, apoio e modelo, pois tem capacidades e habilidades de realizar ações da qual foi treinado, como trabalhar em equipe, cumprir ordens, trazer objetos, ficar em determinados lugares, ser manipulado, entre outros (Slegers, 2021).

A eficácia tem sido amplamente reconhecida, mas ainda há lacunas na compreensão dos processos de formação dos cães que participam dessas intervenções (Jegatheesan et al., 2018). Embora haja estudos abordando os benéficos da TAA para pessoas com TEA, a qualidade dessa interação é fundamental na eficácia do tratamento. Portanto, é essencial desenvolver pesquisas utilizando de técnicas de treinamento que promovam uma interação positiva e realmente terapêutica. O objetivo geral da pesquisa é ensinar comportamentos-chave para um sujeito canino para ser um possível cão de terapia e poder atuar. Tendo como objetivo específico discutir as implicações dos resultados dentro da perspectiva da análise experimental do comportamento como sendo uma ciência a ser utilizada para o treinamento de cães de terapia.

MÉTODO

Questões Éticas

A pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), conforme as normativas éticas estabelecidas para a utilização de animais em experimentação científica. O estudo foi submetido à análise crítica do Comitê, que avaliou as metodologias propostas, assegurando que os procedimentos adotados atendem aos princípios de bem-estar animal e minimização de sofrimento, conforme as diretrizes nacionais para a experimentação com animais. A aprovação do CEUA/UFGD, registrada sob o número de protocolo 24004, atesta o compromisso da pesquisa com as práticas éticas, buscando sempre o equilíbrio entre os avanços científicos e o respeito à integridade dos seres vivos envolvidos no estudo.

Sujeito

O animal utilizado no treinamento é um cão da espécie *Canis lupus familiaris*, pertencente à raça Bernese, também conhecida como Boiadeiro Bernês. O animal nasceu em 09 de julho de 2022, o que torna adulto, com idade aproximada de 3 anos. Atualmente, o cão pesa cerca de 57 kg, o que é característico para a sua raça, sendo de porte grande. O animal reside na casa da pesquisadora, onde recebe todos os cuidados necessários. Possui amplo espaço com enriquecimento ambiental para poder emitir livremente comportamentos espontâneos de sua espécie. Alimenta-se de ração com a quantidade de 600g, fracionadas 2 vezes por dia e a água disponível a todo tempo. Durante o período de estudo, o animal recebe cuidados

veterinários a fim de garantir seu bem-estar. A raça do cão é conhecida por sua natureza tranquila, amigável e altamente treinável, o que o torna adequado para o tipo de treinamento proposto na pesquisa. Todos os procedimentos realizados no animal são conduzidos com o máximo respeito ao seu bem-estar, em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA).

Comportamentos Alvos

No contexto do treinamento de cães para Terapia Assistida por Animais (TAA), especificamente voltada para o público com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os comportamentos-alvo selecionados para o treinamento do cão foram: senta, deita, fica, vem e foco/olhar para o condutor. Esses comportamentos são fundamentais para estabelecer uma comunicação eficiente e mais controle durante as sessões de terapia, além de promover a interação social e emocional desejada (Acebes et al., 2022).

1. Senta, esse comportamento é essencial para o cão permaneça em uma posição controlada, evitando movimentos excessivos que possam causar desconforto ou distração, tanto para o animal quanto para os participantes da terapia. Além disso, o sentar é um comportamento base para outros comportamentos subsequentes, como por exemplo o “deita”. Ajuda a promover a calma no ambiente terapêutico e facilitando a execução de comandos subsequentes.
2. Deita, esse comportamento é importante para ajudar o cão a relaxar e manter a postura adequada durante as sessões de terapia. Esse comportamento contribui para a tranquilidade do ambiente e oferece uma base para intervenções

terapêuticas mais estruturadas. Além disso, o deitar pode ajudar a diminuir o nível de excitação do animal, sendo particularmente útil em sessões prolongadas.

3. Fica, comportamento crucial para a segurança tanto do cão quanto dos participantes da terapia. Esse comportamento permite que o cão permaneça em um local específico sem se mover, aguardando uma nova instrução do condutor. Essa habilidade é especialmente importante em sessões com crianças do público TEA, uma vez que o cão deve ser capaz de manter o controle e responder de maneira calma e consistente às mudanças no ambiente.
4. Vem, esse comportamento é essencial para garantir a comunicação clara e segura durante o treinamento e a terapia. A habilidade do cão em retornar ao condutor sob comando é um fator importante na interação segura com indivíduos com TEA, pois facilita a conexão entre o animal e o paciente, ajudando a estabelecer uma relação de confiança e cooperação.
5. Foco, olhar para o condutor promove a atenção do cão ao profissional condutor. Isso é particularmente importante em contextos terapêuticos, onde o cão deve ser capaz de se concentrar no condutor e nas instruções dadas, independentemente das distrações externas. Este comportamento reforça a comunicação entre o animal e o condutor e é essencial para o sucesso do treinamento, permitindo que o cão execute os comandos com precisão e eficiência.
6. Dado, esse comportamento complexo envolve a interação ativa do cão com um objeto (dado), que pode incluir ações como tocar e girar com a pata, sob comandos gestuais (apontar o dedo) e/ou verbais (“toca”). Diferentemente dos comportamentos básicos, como senta ou deita, o comportamento “dado” exige maior integração cognitiva e motora, pois o cão precisa compreender a tarefa,

focar no objeto e executar ações específicas. Uma vez aprendido, esse comportamento permite que o cão participe ativamente de atividades terapêuticas com o assistido, como jogos interativos que estimulam habilidades sociais, cognitivas e motoras em crianças com TEA. Por exemplo, ao girar o dado, o cão pode facilitar dinâmicas que promovam a comunicação não verbal, a cooperação e o engajamento em atividades estruturadas, fortalecendo o vínculo humano-animal e incentivando a interação do assistido com o ambiente terapêutico.

A escolha desses comportamentos-chave é fundamentada nas necessidades voltadas ao público TEA. Estudos indicam que cães que demonstram habilidades de autocontrole, como sentar, deitar, e esperar, são mais eficazes em contextos terapêuticos, pois oferecem segurança tanto para os pacientes quanto para os terapeutas. Cães que conseguem manter o foco e a atenção no condutor durante a terapia facilitam a interação social e emocional, uma característica particularmente relevante para indivíduos com TEA, que podem ter dificuldades em manter o foco em estímulos externos (Becker et al., 2017).

Procedimentos

O delineamento adotado no experimento baseou-se na análise experimental do comportamento, com foco na observação e avaliação empírica dos comportamentos do cão em ambiente controlado e não controlado. Para embasar os procedimentos, foram utilizados os manuais teóricos e práticos de Guidi e Bauermeister (1979), Gomide e Dobrianskyj (1998) e Souza e Martins (2015), que fornecem as diretrizes necessárias para a análise do comportamento e os métodos de monitoramento de respostas operantes. A análise de

comportamento operante foi fundamental para compreender a relação entre o sujeito experimental (o cão) e os estímulos presentes no ambiente, assim como a taxa com que os comportamentos eram emitidos antes da introdução de qualquer reforço, permitindo uma avaliação precisa da sua natureza e consistência.

A fase inicial do experimento foi dedicada ao monitoramento do nível de linha de base, um ponto de referência essencial para avaliar a eficácia do treinamento. Nesse estágio, não teve aplicação de reforços, sendo o objetivo principal dessa fase registrar a frequência e a regularidade com que o cão respondia aos comandos verbais como "senta", "deita", "fica", "vem" e "foco/olhar para o condutor", estabelecendo um perfil comportamental inicial. A linha de base forneceu dados sobre a resposta do cão aos comandos sem reforços, e os resultados dessa análise inicial permitiram uma avaliação clara sobre os comportamentos que precisavam ser reforçados ou ajustados no decorrer do experimento.

No contexto de cães terapeutas para trabalhar com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é essencial que o animal domine uma série de comportamentos básicos antes de avançar para habilidades mais complexas. Esses comportamentos básicos são fundamentais para garantir que o cão possa participar efetivamente das atividades terapêuticas, esse animal precisa ser capaz de "ficar/esperar" por períodos mais prolongados, o que é crucial para a execução de várias atividades terapêuticas. A partir desses comportamentos básicos, é possível ensinar habilidades mais complexas que serão adaptadas a diferentes recursos utilizados nos exercícios de terapia ABA, como a manipulação de brinquedos terapêuticos, interação com crianças e participação ativa nas sessões como o cão aprender a girar um dado que pode ser utilizado como recurso nas sessões.

Fases do treinamento, reforços e esquemas de reforçamento

O treinamento foi estruturado em fases distintas, cada uma focada em ensinar comportamentos específicos: "senta", "deita", "foco", "vem", "fica" e "toca". As fases incluíram:

1. Fase de linha de base: Realizada em um ambiente terapêutico controlado, com duração de 3 minutos e 53 segundos, sem aplicação de reforços. Os comportamentos do cão foram registrados em vídeo para avaliar a frequência de respostas aos comandos verbais.
2. Fase de treinamento com reforço: Comportamentos-alvo foram ensinados utilizando reforço positivo, com clicker e petiscos como reforçadores primários. Cada comportamento foi treinado em sessões separadas, com duração variando de 3 minutos e 43 segundos a 16 minutos e 12 segundos, conforme indicado nas folhas de registro. O esquema de reforçamento foi contínuo - CRF, onde cada resposta correta era imediatamente reforçada com clicker e petisco, exceto na fase de "fica gradual", onde o tempo de permanência foi aumentado progressivamente, com reforço diferencial para respostas de maior duração.
3. Fase de treinamento do dado: Introduziu comportamentos mais complexos, como "tocar" e "girar o dado", utilizando comandos gestuais (apontar o dedo) e verbais ("toca"). O reforço foi mantido contínuo, com quantidades maiores de petiscos para respostas mais elaboradas, como girar o dado.
4. Fase de generalização (Ambiente Externo): Para o comando "fica", sessões foram realizadas em ambiente externo para testar a generalização do comportamento aprendido, com reforço contínuo.

Os comportamentos-alvo foram selecionados com base em sua relevância para sessões de TAA com crianças com TEA, promovendo controle, calma e interação segura.

Procedimentos de Análise

A análise dos dados foi conduzida por meio de registros minuto a minuto, utilizando vídeos gravados durante as sessões e logo a observação e registro dos desse material coletado. Cada comportamento foi quantificado em termos de frequência de execução correta em resposta aos comandos verbais e/ou gestuais. Os dados foram organizados em planilhas no Excel, permitindo a visualização de padrões de resposta e a comparação entre comportamentos. A análise quantitativa focou na frequência de respostas corretas, enquanto a análise qualitativa considerou a prontidão, precisão e consistência do cão. Para a fase de linha de base, a média de respostas por comando foi calculada, enquanto nas fases de treinamento, a frequência de respostas reforçadas foi registrada. A análise estatística descritiva foi utilizada para identificar tendências e avaliar a eficácia do treinamento, com ajustes realizados com base nos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um cão de terapia assistida por animais (TAA) deve apresentar comportamentos que garantam segurança, controle e interação eficaz com indivíduos com TEA. Segundo Acebes et al. (2022), cães de TAA precisam dominar comportamentos básicos como "senta", "deita", "fica", "vem" e "foco", que promovem calma e facilitam a interação social e emocional. Além disso, o cão deve ser capaz de manter o autocontrole em ambientes variados, responder a comandos de forma consistente e ser dessensibilizado ao toque físico, como escovação ou manipulação, para garantir segurança durante as sessões. Habilidades mais complexas, como manipular objetos (e.g., "tocar" ou "girar" um dado), são desejáveis para atividades terapêuticas específicas, como as baseadas em ABA (Barcelos et al., 2020). O cão deve demonstrar baixa reatividade a estímulos externos, tolerância a interações imprevisíveis e sinais de bem-estar, como ausência de estresse ou comportamentos de apaziguamento (Jegatheesan et al., 2018). O treinamento deve ser ético, priorizando o bem-estar do animal, com supervisão veterinária e adaptação às suas capacidades individuais.

Com base nos dados obtidos e na literatura, o cão da raça Bernese demonstrou aptidão inicial para atuar como cão de TAA. Ele apresentou alta consistência em responder aos comandos "senta", "deita", "foco" e "vem" durante as sessões de treinamento, com taxas de execução acima de 80% nas tentativas reforçadas. O comando "fica" mostrou progresso significativo, com tempos de permanência de até 5 minutos e 55 segundos em ambiente controlado e 4 minutos e 52 segundos em ambiente externo, indicando capacidade de generalização. A habilidade de manipular o dado também foi desenvolvida com sucesso, sugerindo potencial para tarefas mais complexas. Contudo, a menor frequência no comando "fica" na fase inicial e sinais ocasionais de fadiga (e.g., baba excessiva) indicam a necessidade

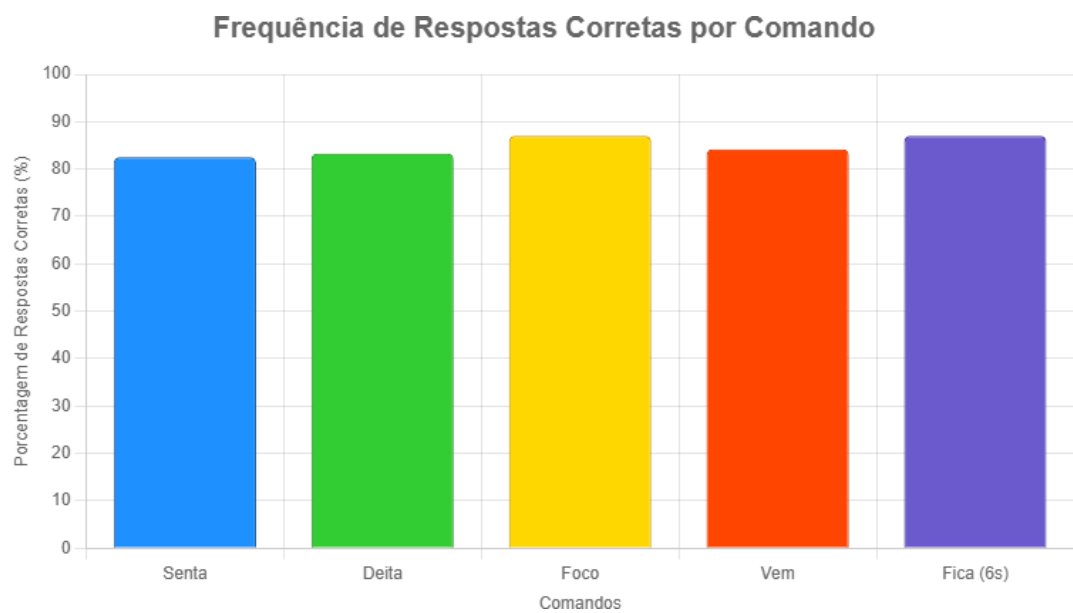
de mais treinamento para reforçar o autocontrole e a resistência em sessões prolongadas (Becker et al., 2017).

Os resultados do experimento foram obtidos a partir das sessões de treinamento registradas entre 28/05/2025 e 07/07/2025, com um cão da raça Bernese. A fase de linha de base coletada 21/10/2024, com duração de 3 minutos e 53 segundos, mostrou médias de respostas por comando: "senta" e "deita" (0,55), "fica" (0,5), "vem" e "foco" (0,6). Esses dados indicam que o cão já apresentava alguma familiaridade com os comandos, especialmente "vem" e "foco", que obtiveram maior frequência.

Nas sessões de treinamento com reforço, os comportamentos foram avaliados em ambiente controlado, exceto para o comando "fica gradual", que incluiu sessões em ambiente não controlado (parques municipais). No comportamento "senta" (28/05/2025, 5m40s) o cão executou o comando em 47 de 57 tentativas (82,5%), com maior consistência nas tentativas iniciais (média de 8,5 respostas por tentativa nas primeiras cinco tentativas). No "deita" (29/05/2025, 5m11s), foram registradas 45 respostas corretas em 54 tentativas (83,3%), com uma queda na sexta tentativa (1 resposta), possivelmente devido a distração ou fadiga. No "foco" (30/05/2025, 6m11s) o cão respondeu corretamente em 67 de 77 tentativas (87%), demonstrando alta atenção ao condutor, com pico de 12 respostas nas tentativas 2 e 3. No "vem" (03/06/2025, 3m43s) o cão executou o comando em 16 de 19 tentativas (84,2%), com sessões mais curtas devido à alta consistência inicial. No "fica" (04/06/2025 a 07/07/2025) e na sessão inicial (6s), o cão manteve o comportamento em 20 de 23 tentativas (87%). Nas sessões graduais, o tempo de permanência aumentou progressivamente, atingindo 5 minutos e 55 segundos em ambiente controlado (07/07/2025) e 4 minutos e 52 segundos em ambiente externo (22/06/2025). E por fim, no treino do "dado" (09/06/2025 a 16/06/2025) o treinamento evoluiu de aproximação (79 respostas em 9 minutos) para tocar (65 respostas em 8m36s) e girar o dado (44 respostas em 5m34s), com taxas de sucesso de 80% a 90% nas sessões finais.

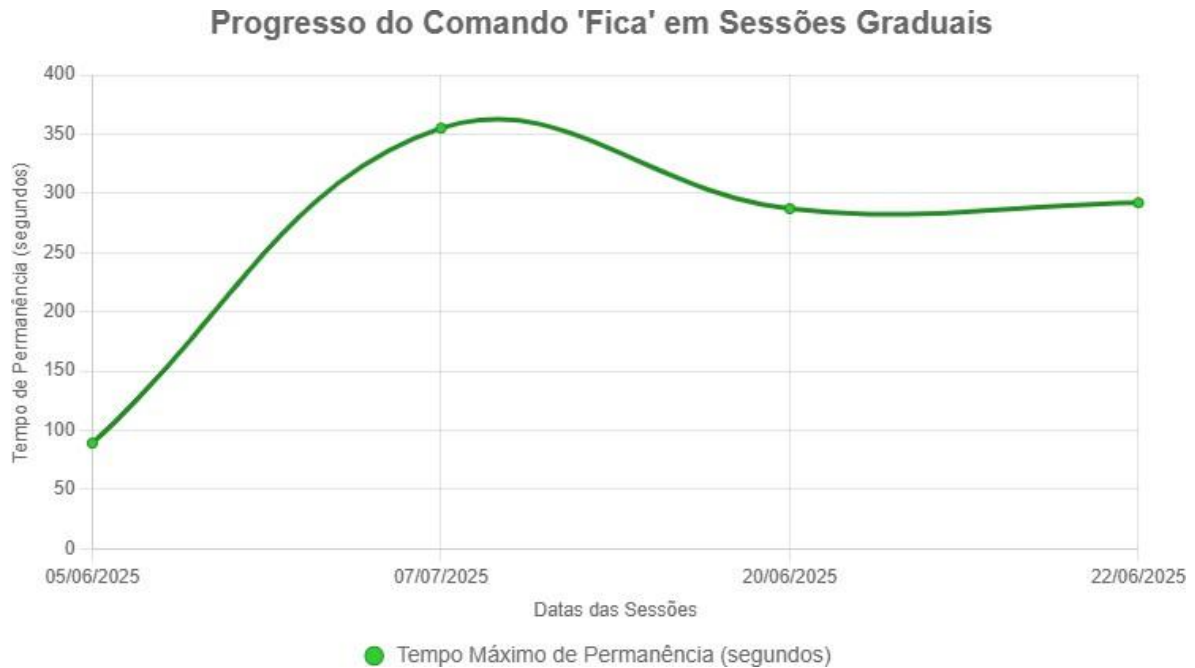
A análise quantitativa revelou alta consistência nos comportamentos, com taxas de execução acima de 80% em todos os comandos, exceto em momentos de distração ou fadiga. Na análise qualitativa indicou que o cão apresentou maior prontidão para comandos associados a recompensas diretas ("vem" e "foco") e menor autocontrole inicial no comando "fica", que melhorou com o treinamento gradual.

Figura 1. Frequência de respostas corretas por comando.



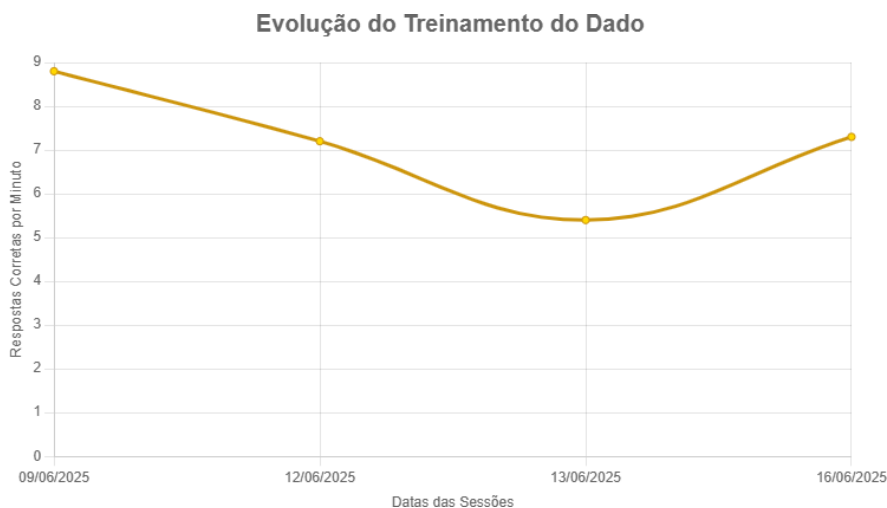
A Figura 1 mostra a porcentagem de respostas corretas para cada comando na fase de treinamento. "Foco" e "Fica (6s)" apresentaram as maiores taxas de sucesso (87%), indicando alta atenção e autocontrole, enquanto "Senta" (82,5%) teve a menor taxa, possivelmente devido a maior exigência de calma inicial. Esses dados sugerem que o cão responde bem a comandos associados a interação direta com o condutor.

Figura 2. Progresso do comando “fica” em sessões graduais.



A Figura 2 ilustra o aumento do tempo de permanência no comando "fica" ao longo das sessões. O pico de 355 segundos (07/07/2025) em ambiente controlado reflete a eficácia do reforço diferencial, enquanto os tempos em ambiente não controlado (287 e 292 segundos) indicam boa generalização, embora ligeiramente inferiores devido a distrações externas.

Figura 3. Evolução do treinamento do Dado.



A Figura 3 mostra a evolução do treinamento do dado, com uma média de respostas corretas por minuto variando de 5,4 a 8,8. A queda em 13/06/2025 (5,4) pode ser atribuída à introdução do comando verbal "toca", que exigiu maior complexidade. A recuperação em 16/06/2025 (7,3) indica adaptação ao comando combinado (gestual e verbal).

Discussão dos dados

Os resultados mostram que o cão apresentou alta consistência nos comportamentos treinados, com taxas de sucesso acima de 80%, alinhando-se com estudos como Becker et al. (2017), que destacam a importância de comandos como "senta" e "fica" para a segurança em TAA. Comparado a Acebes et al. (2022), que relatam taxas de 75-85% em treinamentos similares, os dados deste estudo indicam desempenho superior, possivelmente devido ao uso de reforço contínuo e à escolha de uma raça (Bernese) conhecida por sua docilidade. A menor frequência inicial no comando "fica" (0,5 na linha de base) é consistente com O'Haire (2017), que observa que comportamentos de autocontrole exigem mais treino. A progressão para 5 minutos e 55 segundos no comando "fica" supera os tempos reportados por Becker et al. (máximo de 3 minutos), sugerindo eficácia do reforço diferencial.

As diferenças podem ser justificadas pelo ambiente controlado, que minimizou distrações, e pela supervisão ética rigorosa, que garantiu o bem-estar do cão, reduzindo estresse e aumentando a motivação. Contudo, a queda ocasional no desempenho ("deita" na sexta tentativa) reflete limitações como fadiga, conforme observado em Jegatheesan et al. (2018), que enfatizam a importância de pausas para evitar sobrecarga. A generalização do comando "fica" em ambiente não controlado, embora sólida, foi ligeiramente inferior, sugerindo que distrações externas podem impactar o desempenho, como reportado por Slegers (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do estudo foi ensinar comportamentos-chave ("senta", "deita", "foco", "vem", "fica" e manipulação do dado) a um cão Bernese para atuar como cão de terapia voltado ao público com TEA. O objetivo específico foi discutir as implicações dos resultados na perspectiva da análise experimental do comportamento, utilizando-a como ciência para o treinamento de cães de terapia. Ambos os objetivos foram alcançados, com o cão demonstrando alta consistência nos comportamentos e os dados fornecendo insights sobre a eficácia do reforço positivo e do delineamento experimental.

Este estudo reforça a relevância da TAA como uma intervenção complementar para indivíduos com TEA, promovendo interação social, regulação emocional e desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas (O'Haire, 2017). A pesquisa contribui para a profissionalização da área, alinhando-se às diretrizes da IAHAIO e AAIL, e destaca a importância de protocolos éticos no treinamento de cães, garantindo seu bem-estar. Além disso, o estudo estimula a interdisciplinaridade, integrando psicologia, análise do comportamento e etologia, e promove conscientização sobre o uso ético de animais em terapias.

O cão Bernese demonstrou alta aptidão para TAA, com taxas de sucesso acima de 80% nos comportamentos treinados. Na fase de linha de base, as médias de respostas variaram de 0,5 ("fica") a 0,6 ("vem" e "foco"). Durante o treinamento, "foco" e "fica (6s)" alcançaram 87% de respostas corretas, enquanto "senta" teve a menor taxa (82,5%). O comando "fica" evoluiu de 10 segundos para 5 minutos e 55 segundos em ambiente controlado, com generalização para 4 minutos e 52 segundos em ambiente externo. O treinamento do dado mostrou progresso, com até 90% de sucesso na manipulação. Esses resultados indicam que o cão demonstrou aptidão

para atuar em TAA, embora precise de mais treino para reforçar o autocontrole em sessões prolongadas e ambientes com distrações, bem como na presença de crianças com TEA.

As principais dificuldades incluíram momentos de fadiga do cão (baba excessiva em 09/06/2025), que impactaram o desempenho em algumas sessões. A duração curta de algumas sessões (3m43s para "vem") limitou a coleta de dados em maior escala. A transição para ambientes não controlados revelou uma leve redução no desempenho do comando “fica” sugerindo a influência de distrações externas. A análise foi restrita a um único sujeito, limitando a generalização dos resultados. Além disso, a ausência de interação direta com crianças com TEA durante o treinamento impediu a avaliação do desempenho do cão em contextos terapêuticos reais.

Futuros estudos podem explorar o treinamento com múltiplos cães para aumentar a generalização dos resultados. A inclusão de sessões com crianças com TEA permitiria avaliar a interação cão-paciente em contextos reais. Pesquisas adicionais poderiam investigar esquemas de reforço intermitente para manter os comportamentos aprendidos a longo prazo. Além disso, estudos comparativos entre raças caninas e a análise do impacto de diferentes ambientes (clínicas vs. espaços abertos) poderiam aprimorar os protocolos de treinamento. Por fim, a integração de tecnologias, como sensores de estresse canino, poderia refinar a avaliação do bem-estar animal durante o treinamento.

REFERÊNCIAS

- Acebes, F., Pellitero, J. L., Muñoz-Diez, C., & Loy, I. (2022). Development of Desirable Behaviors in Dog-Assisted Interventions. *Animals: an open access journal from MDPI*, 12(4), 477.
- Angelis, L. O, & Teixeira, M.C.T.V. (2022). Transtorno do Espectro Autista (TEA): Caracterização, Diagnóstico e Intervenção. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*. 22(2).
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. (5a. ed.). Artmed.
- American Veterinary Medical Association. (AVMA). (1998). Statement from the committee on the human-animal bond. *JAVMA*, 212, 1675.
- Animal-Assisted Intervention International. (AAII). (2020). <https://aai-int.org/aai/animal-assisted-intervention/>
- Araujo, B. C. et al. (2023). Effects of Animal Assisted Therapy on improving the social skills of autistic children. *Research, Society and Development*, 12(1), e5612139267.
- Barcelos, K. da S., Martins, M. de F. A., Betone, G. A. B., & Ferruzzi, E. H. (2020). Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. *Brazilian Journal of Development*, 6(6), 37276–37291.
- Becker, J. L, Rogers, E. C, & Burrows, B. (2017). Treinamento de habilidades sociais assistidas por animais para crianças com transtornos do espectro autista. *Anthrozoös*, 30(2), 307–326.
- Binder, A. J., Parish-Plass, N., Kirby, M., Winkle, M., Plesa Skwerer, D., Ackerman, L., (...) Wijnen, B. (2024). Recomendações para terminologia uniforme em serviços assistidos por animais (AAS). *Interações Humano-Animal*, 12(1).

- Chandler, C.K. (2017). *Animal-Assisted Therapy in Counseling* (3rd ed.). Routledge.
- Duarte, M. T. N., et al. (2017). O cão como aspecto motivador de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação*, 1(15), 280-283.
- Farias, V. D., C. R. et al. (2023). Benefícios das Intervenções Assistidas por Animais: uma revisão da literatura. *Revista Coopex.*, 14(2), 1578–1589.
- Gomide, P. I. C. & Dobriansky, L. N. (1998). *Análise experimental do comportamento: manual de laboratório*. (5a. Ed.). UFPR.
- Guidi, M. A. A., & Bauermeister, H. B. (1979). *Exercícios de laboratório em psicologia*. (2a. ed.). Martins Fontes: Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências.
- Jegatheesan, B. et al. (2018). *Las Definición de IAHAIO para las Intervenciones Asistidas Con Animales y las Directrices para el Bienestar de los Animales Involucrados en las Intervenciones Asistidas Con Animales*. IAHAIO.
- Mandrá, P. P., Moretti, T. C. da F., Avezum, L. A., & Kuroishi, R. C. S. (2019). Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. *Codas*, 31(3), e20180243.
- O’Haire, M. E. (2017). Research on animal-assisted intervention and autism spectrum disorder, 2012–2015. *Appl. Dev. Sci.*, 21, 200–216.
- Slegers, E. J. M, et al. (2021). *Psychosocial interventions and dementia: Understanding, knowing, implementing*. Fondation Mederic Alzheimer.
- Souza, F. M. S. & Martins, L. A. (2015). Elementos de Psicologia Experimental: Manual teórico e prático. Ed. Novas Edições Acadêmicas.

ANEXO 1 – Aprovação da Comissão de Ética no uso de Animais (CEUA)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS – CEUA

Dourados-MS, 18 de abril de 2024.

CERTIFICADO

Certificamos que o projeto intitulado "**ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO NA SELEÇÃO E TREINAMENTO CANINO PARA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS VOLTADO AO PÚBLICO TEA**", protocolo **24004**, sob a responsabilidade de **FELIPE MACIEL DOS SANTOS SOUZA**, - que envolve a produção, manutenção e/ou utilização de animais pertencentes ao filo Chordata, subfilo Vertebrata (exceto o homem), para fins de pesquisa científica (ou ensino) - encontra-se de acordo com os preceitos da lei no. 11.794, de 8 de outubro de 2008, do Decreto no 6.899, de 15 de julho de 2009, e com as normas editadas pelo Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), tendo sido aprovado pela COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS (CEUA) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Documento assinado digitalmente
 DANIELA TORRES CANTADORI
Data: 18/04/2024 09:52:58 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daniela Torres Cantadori
Coordenadora em exercício CEUA/UFGD

APÊNDICE 1 – Folha de registro de Registro de Nível Operante

Folha de Registro 01	Registro de Nível Operante
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 21/10/2024 **Id. do Sujeito:** Canino

Aluna: Letícia Freitas de Andrade.

REGISTRO DE NÍVEL OPERANTE					
M in	Senta	Deita	Fica/Esp era3seg)	Vem	Foco/olhar para o condutor
1 ⁰	4	3	3	4	4
2 ⁰	2	3	3	3	4
3 ⁰	3	3	3	4	3
4 ⁰	2	2	1	1	1
5 ⁰					
6 ⁰					
7 ⁰					
8 ⁰					
9 ⁰					
0 ¹					
1 ¹					
2 ¹					
3 ¹					
4 ¹					
5 ¹					
M ÉDIA	0,55	0,55	0,5	0,6	0,6

APÊNDICE 2 – Folha de registro de Registro de Treino Senta

Folha de Registro 02	Registro de Treino Senta
Data: 28/05/2025	Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO SENTA – AMBIENTE CONTROLADO			
Tentativa	Comando verbal “senta”	Execução do comportamento “senta”	Clicker + Petisco
01	7	7	7
02	9	9	9
03	9	9	9
04	8	8	8
05	9	9	9
06	5	5	5
07			
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 5m40seg

APÊNDICE 3 – Folha de registro de Registro de Treino Deita

Folha de Registro 03	Registro de Treino Deita
-----------------------------	---------------------------------

Data: 29/05/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO DEITA - AMBIENTE CONTROLADO			
Tentativa	Comando verbal “deita”	Execução do comportamento “deita”	Clicker + Petisco
01	9	9	9
02	9	9	9
03	9	9	9
04	8	8	8
05	9	9	9
06	1	1	1
07			
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 5m11seg

APÊNDICE 4 – Folha de registro de Registro de Treino Foco

Folha de Registro 04	Registro de Treino Foco
-----------------------------	--------------------------------

Data: 30/05/2025**Id. do Sujeito:** Canino

REGISTRO DE TREINO FOCO - AMBIENTE CONTROLADO			
Tentativa	Comando verbal “Foco”	Execução do comportamento “Foco”	Clicker + Petisco
01	10	10	10
02	12	12	12
03	12	12	12
04	10	10	10
05	10	10	10
06	11	11	11
07	2	2	2
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 6m11seg

APÊNDICE 5 – Folha de registro de Registro de Treino Vem

Folha de Registro 05	Registro de Treino Vem
-----------------------------	-------------------------------

Data: 03/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO VEM - AMBIENTE CONTROLADO			
Tentativa	Comando verbal “Foco”	Execução do comportamento “Foco”	Clicker + Petisco
01	4	4	4
02	5	5	5
03	4	4	4
04	3	3	3
05			
06			
07			
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 03m43seg

APÊNDICE 6 – Folha de registro de Registro de Treino Fica 6s

Folha de Registro 06	Registro de Treino Fica 6s
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 04/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO FICA 6s - AMBIENTE CONTROLADO			
Tentativa	Comando verbal “Fica”	Execução do comportamento “Fica por 6s”	Clicker + Petisco
01	4	4	4
02	3	3	3
03	3	3	3
04	3	3	3
05	3	3	3
06	4	4	4
07	3	3	3
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 06m56seg

APÊNDICE 7 – Folha de registro de Registro de Treino Fica

Folha de Registro 07	Registro de Treino Fica
-----------------------------	--------------------------------

Data: 05/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO FICA GRADUAL - AMBIENTE CONTROLADO			
	Comando verbal “Fica”	Tempo que o cão permaneceu no “fica”	Clicker + Petisco
	1	10 segundos	1
	1	16 segundos	1
	1	21 segundos	1
	1	33 segundos	1
	1	40 segundos	1
	1	41 segundos	1
	1	47 segundos	1
	1	1 minuto e 05 segundos	1
	1	1 minuto e 07 segundos	1
	1	1 minuto e 29 segundos	1

Duração: 07m56seg

APÊNDICE 8 – Folha de registro de Registro de Treino Fica Gradual

Folha de Registro 08	Registro de Treino Fica Gradual
-----------------------------	--

Data: 07/07/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO FICA GRADUAL - AMBIENTE CONTROLADO			
	Comando verbal “Fica”	Tempo que o cão permaneceu no “fica”	Clicker + Petisco
	1	59 segundos	1
	1	1 minuto e 53 segundos	1
	1	2 minutos e 53 segundos	1
	1	3 minutos e 55 segundos	1
	1	5 minutos e 55 segundos	1

Duração: 16m12seg

APÊNDICE 9 – Folha de registro de Registro de Treino Fica Gradual

Folha de Registro 09	Registro de Treino Fica Gradual
-----------------------------	--

Data: 20/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO FICA GRADUAL – AMBIENTE EXTERNO			
	Comando verbal “Fica”	Tempo que o cão permaneceu no “fica”	Clicker + Petisco
	1	1 minuto e 6 segundos	1
	1	1 minuto e 45 segundos	1
	1	1 minuto e 54 segundos	1
	1	2 minutos e 51 segundos	1
	1	4 minutos e 47 segundos	1

Duração: 13m14seg

APÊNDICE 10 – Folha de registro de Registro de Fica Gradual

Folha de Registro 10	Registro de Treino Fica Gradual
-----------------------------	--

Data: 22/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO FICA GRADUAL – AMBIENTE EXTERNO			
	Comando verbal “Fica”	Tempo que o cão permaneceu no “fica”	Clicker + Petisco
	1	57 segundos	1
	1	1 minuto e 52 segundos	1
	1	2 minutos e 51 segundos	1
	1	3 minutos e 54 segundos	1
	1	4 minutos e 52 segundos	1

Duração: 15m18seg

APÊNDICE 11 – Folha de registro de Registro de Treino do Dado

Folha de Registro 11	Registro de Treino do Dado
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 09/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO DADO – AMBIENTE CONTROLADO			
Min	Aproximação do dado: olhar, cheirar, tocar com qualquer parte do corpo.	Clicker + Petisco	Observação
01	7	7	Iniciou colocando o petisco em cima do dado
02	10	10	
03	14	14	
04	6	6	O cão teve uma pausa e ficou olhando o condutor, logo foi colocado o petisco em cima do dado para tentar voltar ao objetivo inicial.
05	10	10	Teve uma breve pausa pra ajustar o coleto do cão.
06	13	13	
07	11	11	
08	14	14	
09	4	4	Foi finalizado o treino, pois o cão estava dando sinais de apaziguamento como: fadiga com baba excessiva e demonstrando falta de interesse.
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 8m25seg

APÊNDICE 12 – Folha de registro de Registro de Treino do Dado

Folha de Registro 12	Registro de Treino do Dado
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 12/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO DADO – AMBIENTE CONTROLADO			
Min	Comando gestual apontar o dedo	Cão relar com fuço ou pata e mexer levemente o dado	Clicker + Petisco
01	4	4	4
02	8	8	8
03	7	7	7
04	7	7	7
05	6	6	6
06	8	8	8
07	10	10	10
08	11	11	11
09	4	4	4
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 8m36seg

APÊNDICE 13 – Folha de registro de Registro de Treino do Dado

Folha de Registro 13	Registro de Treino do Dado
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 13/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO DADO – AMBIENTE CONTROLADO				
Min	Gestual (apontar dedo) + Verbal (comando toca)	Relar pata	Girou dado	Clicker + Petisco
01	9	8	1	9
02	6	5	1	6
03	7	4	3	7
04	6	1	5	6
05	7	4	3	7
06	7	4	3	7
07	1	0	1	1
08				
09				
10				
11				
12				
13				
14				
15				

Duração: 6m19seg

Observação: Quando o cão girava o dado ele era reforçado com uma quantidade maior de ração.

APÊNDICE 14 – Folha de registro de Registro de Treino do Dado

Folha de Registro 14	Registro de Treino do Dado
-----------------------------	-----------------------------------

Data: 16/06/2025

Id. do Sujeito: Canino

REGISTRO DE TREINO DADO – AMBIENTE CONTROLADO			
Min	Comando gestual (apontar dedo) + Verbal (toca)	Girar dado	Clicker + petisco
01	9	6	6
02	12	6	6
03	11	9	9
04	13	10	10
05	11	9	9
06	7	4	4
07			
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Duração: 5m34seg